



Penélope mantinha-se fiel. Ulisses, seu esposo, desaparecera fazia mais de dez anos. Partira com seus homens para a guerra com Troia e, desde então, nunca mais dele se soube. Andava triunfante por terras distantes a inventar ardilosos cavalos de madeira que o infiltrassem dentro de muralhas alheias. Penélope mantinha-se fiel. Não importava se estava Ulisses morto ou desaparecido, a combater na guerra ou a procurar os escritores do amanhã. Sabia que casara com destemido guerreiro, respeitado pelos homens e agraciado pelos deuses, escolhido na terra e nos céus para completar as mais difíceis missões. Num dia combatia, no outro carregaria os livros do conhecimento. Podiam vir príncipes e reis, mercadores e magnatas. Penélope mantinha-se fiel e assim continuaria.

Exemplar n<sup>o</sup> :



KETOJIN

*O negociante de Amor*

Título: Ketojin, o negociante de amor  
Autor: A. Miyajima  
Prefácio: Valério Romão  
Revisão: João Batista \* Livros de Ontem  
Ilustração: A. Mimura  
Paginação: Nádía Amante \* Livros de Ontem

©2014, Livros de Ontem  
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

1ª edição: Outubro 2014  
Tiragem: 150 exemplares  
Depósito Legal:  
ISBN:

Livros de Ontem  
Rua João Ortigão Ramos, 34, 6ºF  
1500 - 364 Lisboa • Portugal

[www.livrosdeontem.pt](http://www.livrosdeontem.pt)



# KETOJIN

*O negociante de Amor*



## Índice

- 9 . Prefácio
- 17 . Canto I – Apresentação do Poeta ou o Eu poético
- 35 . Canto II - O poeta enamora-se por estranha ninfeta
- 57 . Canto III – O exílio do poeta\_ num lugar pátria  
de estética poética minimalista
- 119 . Agradecimentos





# Prefácio

por

*Valério Romão*

Uma dificuldade felizmente insuperável.

Escrever um prefácio é habitar provisoriamente uma casa que não é a nossa e ter como tarefa, aquando da saída, a de descrever - mais ou menos tecnicamente, mais ou menos subjectivamente - o que lá se encontrou: as suas fundações, os seus recantos dignos de nota, a sua habitabilidade, a sua originalidade, o seu grau de conforto. Há uma correlação de afinidade inescapável entre o autor do prefácio e a obra prefaciada, de tal modo que, quase inevitavelmente e salvo raras e honrosas excepções, o prefácio tenderá a dizer mais sobre a experiência do encontro com a obra e menos sobre a obra. De sorte, a maior parte dos prefácios são dispensáveis (no princípio da leitura, são um guia indesejado; no fim, na melhor das hipóteses, redundantes). Este mesmo não almeja a mais que isso.

Do presente livro podemos começar por dizer o que nos parece mais óbvio, para largar as amarras daquilo que não se pode deixar de mencionar e, num momento posterior, navegar sem o conforto da costa à vista. É um livro perpassado de uma corrente dicotómica que o polariza entre duas experiências fundamentais: o sexo e a morte (ou, mais

adequadamente, a mortalidade). Nesse sentido, é um livro que renuncia à temporalidade em que nasce para, outrossim, habitar nos dois extremos que conformam o horizonte da experiência humana desde sempre. A forma da sua exposição e, se quisermos, o seu estilo, acentuam ainda mais o carácter espectral (de estar fora do seu tempo, de evocar outra coisa) que emana. O uso da evocação (e da invocação) e a própria escolha das palavras, a maior parte delas com maior ou menor grau de desuso, sobretudo no canto I, têm o efeito de nos deslocar do presente e das estruturas de sentido que, de tão habituais, confundem-se com as próprias coisas, deslocando-se da ponta do nariz, onde sempre estiveram, sossegadas no seu papel mudo de serem apenas lentes. Por habitar este tempo inabitável, o passado, o livro propõe uma paralaxe do olhar pela qual opera, não sem algum esforço de foco, a devolução do agora por meio das ruínas do outrora, e isso provoca-nos, incomoda-nos, destranquiliza-nos, o que, escusado reforçar o óbvio, é bom.

No canto segundo o poeta inverte a polaridade da invocação do canto primeiro e ao invés de resgatar da morte a imortalidade (travestida das mais diversas imagens) abandona-se aos prazeres do concubinato (outra forma, mais efêmera e mediada, de ter a eternidade a espaços) como se o mundo se esgotasse (e, de certa forma, a intenção é esgotá-lo para tê-lo dominado) no espaço infinitamente desdobrável de um quarto, no qual os limites físicos coincidem com os limites da imaginação sexual através da qual o corpo da

ninfeta é tomado, repetida e caleidoscopicamente, até corpo e prazer serem uma identidade binária impassível de ser destrinchada numa análise. É um momento de frenesi que antecipa, obrigatoriamente, a queda. Não há montanhas sem vales, nem planaltos infinitos.

O canto III, estilisticamente mais arrojado do que os dois primeiros, por adoptar a forma do haiku e, amiúde, do aforismo, é também o mais gracioso. As imagens, mesmo quando portadoras da sexualidade que não se finda no canto segundo, veiculam uma elegância oriental, feita de frutos e de animais e de uma natureza pródiga em sentidos gizados sob a forma da parábola. A estrutura tem como raízes fundacionais uma metafísica do zen, uma forma peculiar (e de todo antinatural para nós, ocidentais) de transformar o absurdo no caminho mais curto entre dois pontos. A máxima segundo a qual “post coitum omne animal triste est (sive gallus et mulier)” encontra no canto III a sua reverberação máxima sem que isso equivalha à declinação banal e acriadora de um qualquer cigarro pós-coital. Há lugar para o tédio, para uma saudade do futuro que não se viveu, para a resignação e contemplação. O poeta chega à idade adulta. E com menos, diz mais.

Como palavra final, uma nota de realce aos desenhos (do autor) que acompanham o gesto poético. Verdadeiramente notáveis.

*Valério Romão*



Ketoin

*O negociante de amor*



*Não deve ser muito feliz  
Nem, acima de tudo, ser reservado. Oh não!  
Para ser claro aos contemporâneos,  
Aberto de par em par o poeta.<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Anna AKhmatova





## Canto I

*Apresentação do Poeta ou Eu poético*



Opróbrrio cão, cão alma, alma poeta,  
Ô Morte, vem depressa,  
socorrer o degredado.

Trazei, Ô Morte, vosso véu escuro  
e cobri-lhe o coração  
(todo todo todo)  
pois seu músculo quase nada.

Estancai-lhe a sina, Ó Morte, vêde-lha bem!  
O opróbrrio cão, cão alma, alma poeta,  
não estorce, não vocifera, não lamenta  
mas continua fitando e cismando o infinito.

Ó Morte, vóis que sois Morte, estancai-lhe a pobre sina,  
pois seu coração somente álgido Inverno,  
do opróbrrio cão, cão alma, alma poeta.

Ô Morte, só teu lunaréu de vivo afecto,  
o fará colocar a negra venda,  
e avançar, carregar,  
garboso, avançar,  
até ao centro,  
avançar,  
“\_Alto!  
Apontaaaaar

: Fooogo!”  
avançar,  
depois de fuzilado  
na doce inscrição tumultuar.

Aqui jaz quem:  
tendo um girassol no peito  
tomou profunda tristeza  
para cantar as pocilgas e os carros blindados  
e os Outonos e os navios ancorados.

Aqui jaz quem:  
após ter lastrado o coração com mil pesos  
foi tomado por carniceiro, pároco e alma cruel.

Aqui jaz quem:  
bebeu a febre por canecas negras  
quem abriu trincheiras e sulcou muros dinamitados.

Aqui jaz quem:  
Fechados os portões  
lavou os cadáveres  
e lhes consolou a inquietação.

Aqui jaz quem:  
e ainda assim de versos  
não fez pão nem estatuto nem felicidade nem infelicidade

nem sol nem sombra  
nem afecto nem ódio nem pai nem mãe nem água nem sal  
nem amigos nem  
inimigos nem amor nem desamores nem primavera nem  
inverno nem sabedoria  
nem mil anos ou ira ou glória ou vida ou firmamento  
ou morte.

Aqui jaz quem:  
mais vivo disto saiu  
ou  
*Nemo*  
ou  
A Pedra de Toque. \_  
que os architectos renegaram e cocheiros transportam  
como uma menina  
morta  
por tísica.





A. M. Nura / 13